

BRITO, Lenora Menezes de.
Belém, 22 set. 1985.

Carlos Gomes e o nacionalismo.

O Liberal,

Biblioteca Centro de Memória - UNICAMP



CMUHE002093

Carlos Gomes e o nacionalismo (I)

Em uma quarta-feira, à noite do dia 16 de setembro de 1896, falecia em Belém Antônio Carlos Gomes. Cercado pelo carinho das pessoas eminentes de então, passava os últimos momentos de vida em sua casa ampla, de esquina, na travessa do Príncipe, hoje travessa Quintino Bocaiuva. Contam os que estavam presentes à sua agonia que, ao receber uma injeção de cafeína das mãos do conceituado médico da época, Dr. Numa Pinto, Carlos Gomes reanimou-se um pouco e pronunciou estas palavras: "Nada vale, nada mais!"

Na transitoriedade física das coisas, tudo finda, "nada vale", e a vida de Carlos Gomes se extinguiu, mas na perenidade do espiritual e dos frutos do talento, a obra artística do inesquecível Maestro sobrevive, pela admiração dos que a sabem apreciar e fazê-la imperecível na alma do povo, como se fora uma antevisão da Vida Eterna a que nos destinamos.

É essa data histórica das mais importantes para a vida cultural do Pará — a morte de Carlos Gomes em nossa cidade, depois de aqui ter sido acolhido — e que hoje relembremos neste artigo, enfocando um tema dos mais debatidos sobre a criação do gênio musical das Américas: a marca de seu nacionalismo.

A ficção, abrangendo o romance, conto e novela, foi um dos gêneros preferidos pelo Romantismo. O romance histórico é consequência deste movimento, e a cor local, a apresentação da natureza em comunhão com os sentimentos dos personagens, as idéias elevadas, o realce da nobreza de caráter em oposição à vilania, o triunfo do bem e o castigo do mal, são características desse tipo de romance. Há uma tendência para a visão lírica da realidade e nesse caso, temos no Brasil, José de Alencar, sob a sugestão de Balzac, que nos apresenta uma realidade idealizada. O romance histórico tem como matéria-prima o passado histórico, principalmente medieval, na tradição européia. Quanto mais longínquo

Lenora Menezes de Brito

e lendário o assunto, mas se aguçava a imaginação do autor. Este, entretanto, é bem mais comprometido com a reconstituição do clima da época, hábitos de vida, costumes, deixando à solta a imaginação, ao criar verdadeiros "heróis nacionais", dando ao romance histórico força de epopéia moderna. A transformação de personagens em "heróis", expressão viva de uma consciência coletiva, nos traz à lembrança os romances indianistas de José de Alencar.

Antônio Carlos Gomes estava em Milão quando ouviu anunciarem pelas ruas, o romance "di Brasili, Il Guarany", de autoria do grande romancista brasileiro.

Conta sua filha Ítala Gomes que o músico brasileiro leu-o de um só fôlego. Sua alma vibrante de brasilidade apaixonou-se pelo romance e desejou transformá-lo em uma ópera. Naquelas páginas encontrara tudo o que precisava para seu intento. A saudade da Pátria fez com que os sons jorrassem embebidos de espírito brasileiro, quentes e ensolarados de sol tropical, misteriosos como nossas florestas, coloridas pelo riso escarlate de uma papoula e pelos gorgoros da passarada à solta na mataria.

O nacionalismo na música deu-se após ter surgido na literatura. Em 1836 Glinka, compositor russo, leva à cena sua Ópera *A vida pelo Czar*, cujo tema é o herói nacional Ivan Sussanin, e com essa obra é considerado o criador da Escola Nacional. Descobrimos na música de sua terra cantada pelo povo em regiões afastadas das capitais, escalas de sons inteiros, e até presença dos modos religiosos, procurou colocar na palheta de sua orquestra timbres originais, mostrando o quanto o melodismo europeu empanava e fazia esquecer a presença musical do povo. A música europeizada, com sua quadratura convencional, feita dos já esferados compassos de 2 e 3 tempos, oriundos dos Minuetos e das Valsas,

não dava lugar aos grupos rítmicos de 5, 7, 11 ou outros números ímpares de tempos, valores que são encontrados nas músicas dos povos desconhecidos do ritmo regular europeu. Para o músico romântico, esse elemento consistiu em forte apelo à liberdade tão própria do Romantismo, e uma quase intemporalidade do compasso, ao lado de linha melódica nova, às vezes áspera, deu surgimento às bases de uma nova Escola: a Nacionalista.

A música popular tradicional, a música folclórica não-escrita com seus músicos executando o que ouviram os pais e avós tocarem e cantarem, oferece ritmos livres, porque não estão presos à notação, e será o material de trabalho para os nacionalistas. Essa música tem um tom de imprevisível, uma elasticidade que a música ocidental perdeu.

Carlos Gomes ouviu, na sua Campinas dos idos de 1836, músicos brasileiros, modinheiros, que lhe transmitiram essa herança, parte de uma música paga, no que ela tem de primitivo. Dai o langor de certos temas de sua ópera *O Guarani*, como o da ária de Peri "Perché de mestres lacrime" no III ato; ainda com Peri — o nosso índio, o nosso herói medievo — a ária "Sento uma força indomita", onde a bravura do herói é patenteada por uma linha melódica um tanto rude, de forte brasilidade; a frase inicial da Abertura (ou Protofonia), pintada em fortes e vibrantes acordes, põe aos nossos olhos a pujança da terra brasileira, o espírito da aventura, o entreechoque do branco com o índio. Passando por toda a obra, em eloquentes modulações, é esse tema que mantém a unidade da ópera. "A Abertura de *O Guarani* foi, esteticamente, considerada um segundo hino nacional, tal a sua força vinculadora e comunicante". Essa abalizada opinião do professor e musicólogo Caldeira Filho, em seu livro *Apreciação Musical*, é corroborada por Dinah Silveira de Queiroz que comentou: "ela significa um dos momentos mais elevados e patéticos da alma brasileira posta em música".